

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 77

Data: 7 de março de 1982

Pg.: \_\_\_\_\_

## Antropólogos acham 190 que a Funai dificulta trabalho

PEDRO DEL PICCHIA

“Os antropólogos que trabalham em áreas indígenas sentem-se tratados como agentes inimigos em território ocupado”, acusa a presidente da Associação Brasileira de Antropologia, professora Eunice Durhan, para quem “há uma impressão generalizada entre os pesquisadores de que os funcionários da Funai têm sido instruídos para desconfiar em princípio de todos os antropólogos e exercer sobre eles a mais severa vigilância”.

A professora fez essas declarações ao comentar para a “Folha” a recente notícia de que o coronel Antônio Silveira, diretor do Departamento Geral de Operações da Funai, foi demitido pelo presidente da instituição, o também coronel Paulo Leal.

Eunice Durhan considera o afastamento do coronel Silveira “positivo, na medida que signifique uma alteração da estrutura interna da Funai”. Porém, nega que, como presidente da ABA tenha solicitado essa demissão. A professora garante que nunca fez nenhuma gestão nesse sentido e nem mesmo qualquer declaração exprimindo tal vontade.

### MUDANÇA E ESSENCIAL

Mas ela reafirma que para os antropólogos “é essencial a mudança na estrutura interna da Funai, porque as relações entre esses especialistas e o órgão do Ministério do Interior sofreram muito na gestão do ex-presidente, coronel Nobre da Veiga, entrando num processo de deterioração aguda”.

“No final de 1981, em reunião dos antropólogos com o atual assessor de pesquisa da Funai, aqui em São Paulo — lembra Eunice Durhan —, formulei acusação extremamente grave contra a Funai, responsabilizando-a diretamente pela destruição da pesquisa etnográfica no Brasil. Na época, a ABA estava disposta a organizar campanha junto a todas instituições de pesquisa, nacionais e internacionais, denunciando a atuação da Funai no sentido de impedir o trabalho antropológico nas aldeias indígenas.”

“Com a mudança da presidência — prossegue — abriu-se um novo canal de comunicação e alguns dos casos de conflitos mais graves puderam ser resolvidos. Entretanto, a credibilidade do setor respon-

sável pelas pesquisas na Funai não foi restaurada e enquanto não for reestruturada toda assessoria de pesquisa, continua a ser praticamente impossível ou pelo menos extremamente difícil realizar uma pesquisa etnográfica séria no Brasil.”

A professora conta que “a simples obtenção de uma permissão para chegar à área indígena frequentemente custa ao pesquisador mais tempo e esforço que a própria realização da pesquisa”.

### SUSPEITA MUTUA

A presidente da ABA denuncia que “repetidas vezes os pesquisadores são retirados de campo e têm a permissão cancelada sob as acusações mais ridículas. Qualquer ação pode ser mal interpretada e denunciada. Nesse clima de suspeita mútua, a única coisa que se pode esperar é a multiplicação das denúncias e a transformação de todo o setor de pesquisa num tribunal permanente; especialmente se os antropólogos usarem do mesmo procedimento e passarem a denunciar, como vêm sendo estimulados a fazer pelo setor de pesquisa da Funai, todas as pequenas e grandes irregularidades que presenciaram”.

Nesse sentido, a professora Durhan considera espantoso que “os relatórios que os antropólogos são forçados a fazer, antes e depois da pesquisa, na própria Funai, se transformam frequentemente em verdadeiros inquéritos policiais, nos quais o que está em jogo não é a pesquisa, mas a conduta privada de cada um”.

“A prática da pesquisa científica — conclui Eunice Durhan — precisa ser tratada com mais seriedade e no caso dos povos indígenas esse tratamento é indispensável, inclusive para fornecer um mínimo de informação confiável para a formulação de uma política indigenista responsável.”

N. da R. — Esta “Folha” atribuiu erroneamente à professora Eunice Durhan, na edição do último dia 3, a seguinte afirmação: “Não acreditamos em mudanças na política indigenista se os coronéis Silveira e Zanoni permanecerem como diretores (da Funai).” Afirmação que, em realidade, ela não fez.